

# A RELAÇÃO PESSOA/PERSONAGEM: REPRESENTAÇÕES DO EU NO ESPAÇO TEXTUAL EM *MEMORIAL DE AIRES*, DE MACHADO DE ASSIS

*Cibele Imaculada da Silva\**

## RESUMO

Leitura do *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, enfocado como um texto memorialístico em que, a partir da encenação de uma escrita – a do diário – e da relação que estabelece com os demais personagens, o Conselheiro Aires, narrador do romance, constitui-se como sujeito. Para operacionalizar tal leitura, serão utilizadas a metáfora do Bloco Mágico, de Freud, as idéias de Walter Benjamin sobre o narrador e as de Roland Barthes acerca da escrita do diário como exercício capaz de construir uma imagem do sujeito.

Uma escrita memorialística pode ser pensada sob dois aspectos: no primeiro deles, o do “real”, os signos da memória estabelecem uma representação – há o texto e há a vida. É a esse aspecto que se aplica o pacto autobiográfico teorizado por Lejeune: o nome do autor, inscrito na capa do livro, coincide com o do narrador e o do personagem, o que permite a afirmação da identidade entre esses três elementos (Lejeune, 1975). O segundo aspecto, o ficcional, apresenta os signos produzindo uma significação pura: o texto é apenas texto, e a memória, um protocolo discursivo, não uma inscrição biográfica. A questão da memória pode ser pensada ainda sob o viés do bloco mágico, estudado por Freud; tal bloco, por seu hibridismo, faz uma síntese dos dois aspectos anteriormente citados. O bloco mágico é um bloco de cera escura sobre o qual se coloca um papel sempre pronto para receber os sulcos do estilete usado para registrar uma escrita; entretanto, ao marcar o papel, o estilete marca também o bloco, que seria então a garantia da permanência e da fidelidade do

\* Mestranda em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do Unicentro Newton Paiva.

que nele ficou marcado. Acontece que, como as constantes movimentações de escrita ocorrem uma sobre a outra, não é possível ler, no bloco de cera, os signos lá grafados. A imagem desse bloco vem mostrar a dificuldade de se distinguir esses signos, metaforizando, aqui, a indistinção entre os signos vividos e os signos “inventados”. Há que se enfatizar, com essa metáfora, que tal distinção não importa: tudo é escrita; tudo é memória. **Memorial de Aires** se apropria do protocolo memorialístico. É um texto escrito em 1ª pessoa, no qual há a encenação de uma escrita – a do diário. Entretanto, não é um diário qualquer, em que o sujeito registre suas observações acerca dos acontecimentos cotidianos; mais apropriado seria afirmar que, nesse diário, o Conselheiro Aires registra acontecimentos relativos a pessoas que o cercam, mas não a ele diretamente. Nesse sentido é que a idéia de diário, em **Memorial de Aires**, afasta-se da idéia primeira de diário apontada por Foucault, para quem o diário seria uma escrita do sujeito para o próprio sujeito. Foucault configura essa escrita como extremamente pessoal, uma escrita de si, conformadora de uma noção de indivíduo. No diário, escritor e leitor se fundem, são um (Foucault, 1992, p. 130-131). Segundo esse autor, a escrita de si “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível” (Foucault, 1992, p. 130); enfim, o gesto de se escrever um diário cria, para o escritor, um companheiro de viagem. Tal gesto constitui uma escrita particular, que registra ou relata experiências; é o que faz o Conselheiro Aires, ainda que as experiências que narra sejam, em sua maioria, as alheias. Aires é um narrador-testemunha que busca capturar os acontecimentos e reunir as informações ouvidas e lidas ou os fatos presenciados para, em seguida, analisá-los e refletir sobre eles. E é nessa análise, nessa reflexão sobre os outros, na atitude solidária que por ela se manifesta que essa escrita, agora, se aproxima da idéia de diário de Foucault, para quem o sujeito que mantém um diário visa a conhecer-se e, conseqüentemente, à constituição de si mesmo. Ao relatar, via escrita, as experiências alheias, ao refletir sobre elas, o Conselheiro as preserva do esquecimento; mas esta atitude, ao mesmo tempo, denota seu caráter solidário e figura o tipo de relação que mantém com os demais personagens. Se escrever é mostrar-se, é fazer-se ver,<sup>1</sup> é por essa via que Aires, ao dizer do outro, acaba dizendo de si, revelando de si mesmo talvez mais do que desejaria. Voltando à caracterização da escrita memorialística, vemos que a distância entre o tempo vivido e o tempo narrado, outro elemento típico do texto de memória, nesse gênero, é reduzida; Aires narra o que observa da experiência alheia na medida em que essa observação ocorre, o que é típico do diário. Aires é um narrador evanescente, e os demais personagens, também evanescentes, serão constituídos por sua ob-

<sup>1</sup> Foucault tece essas observações referindo-se à correspondência, que permite, segundo o autor, o exercício de auto-conhecimento daquele que escreve, ainda que sua escrita seja destinada a alguém; é um texto que pressupõe reciprocidade, pois provoca reações em quem o recebe. Neste sentido, a carta revela um olhar do sujeito sobre o destinatário e, ao mesmo tempo, possibilita ao remetente o dar-se a ver. Empregamos essa idéia porque acreditamos que, nesse aspecto, há uma proximidade entre a correspondência e o diário: em ambos a escrita revela a interioridade do sujeito que escreve, e permite a ele formar uma imagem de si.

servação arguta, pois o Conselheiro, ao mesmo tempo em que narra, configura-se no “espelho” em que esses personagens se olham. Essa constituição se dará pela contradição: Fidélia, por exemplo, jura amor e fidelidade eternos ao marido morto, mas se casa com Tristão;<sup>2</sup> Tristão, por sua vez, promete a D. Carmo permanecer no Brasil, mas retorna à Europa após seu casamento. São personagens que “fazem cenas” para que Aires possa constituí-los. O que os tornaria sujeitos seria justamente a fidelidade, pequena que fosse, a alguma coisa: amor, posição política ou valores morais. Entretanto, incapazes de se manterem fiéis a qualquer coisa, uma vez que suas promessas e propósitos são invariavelmente quebrados, esses personagens buscam em Aires algo que lhes conceda o estatuto de *ser*. No nível da diegese, Aires é procurado pelos demais personagens para dar-lhes conselhos, testemunhar ou referendar suas ações, autenticando-as. A ascendência de Aires sobre os outros é responsável pela constituição desses sujeitos e pela sua própria (de Aires) constituição; Aires se faz sujeito por observar os outros e pela imagem que os outros fazem dele. A idade e a experiência do Conselheiro o tornam a pessoa ideal, segundo a ótica dos demais personagens, para dar-lhes sugestões e aconselhá-los sobre o rumo a ser dado a suas vidas; é possuidor de um saber que vem de longe – “(...) do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição” (Benjamin, 1993, p. 202). Desse modo, Aires carrega em si os dois tipos básicos de narrador de que nos fala Benjamin: é o *narrador viajante*, estrangeiro, que justamente porque muito viaja e muito observa, muito tem a contar. Com efeito, Aires se mostra sempre atento ao outro, e essa atenção lhe fornece matéria para reflexão. Sua fonte é a experiência vivida, mas também a experiência observada, testemunhada. É dotado de senso prático, o que imprime ao que narra dimensão utilitária, no sentido de que dá conselhos e sugestões aos outros, interferindo assim na continuidade do que está sendo narrado. Mas Aires é também o *narrador sedentário*, que conhece bem seu país e suas tradições. Sendo um observador atento do espetáculo da vida e detentor de padrões e conhecimentos vários, o Conselheiro é capaz de estabelecer comparações e decidir sobre o que é melhor, conformando-se por isso em um narrador a quem se tem prazer de falar e de ouvir. Essa dupla face de Aires dá a ele a autoridade com a qual interfere na vida dos outros. Ao narrar as experiências que observa, Aires, o narrador do outro, o narrador estrangeiro de que nos fala Benjamin, se faz ouvir porque é “viajante”, traz novidades; a esse saber que vem de longe se soma o saber do passado, o que faz de Aires, usando ainda as categorias de Benjamin, o mestre, o sábio: Aires, como o narrador benjaminiano, é alguém que sabe dar conselhos para muitos casos – afinal, ele é o Conselheiro Aires. Na denominação de sua função social, delineia-se a visão que os demais

<sup>2</sup> Cumpre observar a sugestividade do nome atribuído à personagem Fidélia. A fidelidade a que ela publicamente se devota não tem continuidade; a imagem de mulher fiel que ela mesma insiste em exibir não se sustenta ao longo da narrativa. E cumpre ainda observar que Aires é o único personagem que questiona o comportamento da moça; bom observador, afirma de maneira categórica, em seus escritos e em conversas com sua mana Rita, que a personagem não ficará só. De fato, é o que acontece.

personagens constroem dele.

Importa observar que essa configuração de Aires perante o olhar alheio não faz dele um sujeito construído, acabado; a sabedoria é um processo. Ao narrar as experiências de que é testemunha, esse personagem fala sobre o modo como olha os outros, e deixa entrever como é o “analista” Aires. Ao se utilizar da escrita de seu diário para constituir ao outro, Aires, “sábio” pelo olhar alheio, configura-se um sujeito em construção, diferentemente do que poderia levar a crer sua condição de sábio, de conselheiro, que denota algo estático, pronto. No exercício de construir-se, Aires partilha com qualquer outro sujeito em construção o que Roland Barthes chama de “defeito de existência”. Segundo o semiólogo francês, a grande pergunta que se coloca para esse sujeito não é a da identidade, não é a questão trágica do Louco – “Quem sou eu?” –, mas a questão cômica do Desvairado, aquele que pode vir a ser: “Sou?”. (Barthes, 1984, p. 312)

Assim, esse narrador-testemunha de si e dos outros, pela via de seu discurso, unindo representação e significação, busca encontrar, na escrita de seu diário, uma resposta para esta pergunta: somos?

Se o critério para atribuição de existência/essência aos sujeitos é a fidelidade, conforme proposto anteriormente, o casal Aguiar e D. Carmo estabelece a diferença em relação aos demais. Esses personagens, no decorrer da narrativa, mostram-se fiéis a si mesmos, aos sentimentos que nutrem um pelo outro e pelas pessoas com quem convivem; nesse aspecto, são “definitivos” e, por isso, retratados em pose de estátua no trecho final do livro:

*Sem data.*

*Há seis ou sete dias que eu não ia ao Flamengo. Agora à tarde lembrou-me lá passar antes de vir para casa. Fui a pé; achei aberta a porta do jardim, entrei e parei logo.*

*— Lá estão eles, disse comigo.*

*Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos cruzadas sobre os joelhos. Dona Carmo, à esquerda, tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos. (Assis, [19--], p. 113-114)*

Esta cena, sem data, revela o que sempre foi e sempre será; Aguiar e D. Carmo, estáticos, inconsoláveis na visão de Aires, constituem-se monumentos e fornecem matéria para a construção de um juízo definitivo por parte do narrador.

## RÉSUMÉ

**L**ecture de **Memorial de Aires**, de Machado de Assis, vu comme un texte de mémoire dans lequel, à partir de la mise en scène d'une écrite – celle du journal – et de la relation qu'il établit avec les autres personnages, le Conseiller Aires, narrateur du roman, se constitue en tant que sujet. Pour la mise en marche d'une telle lecture, on fera l'usage de la métaphore du Tableau Magique, de Freud, les idées de Walter Benjamin sur le narrateur et celles de Roland Barthes à propos de l'écriture du journal en tant qu'exercice capable de construire une image du sujet.

### Referências bibliográficas

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memorial de Aires**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--].
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984. Deliberação, p. 303-313.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. O narrador; considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 197-221.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.
- LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.